

# ***INTERVENÇÃO CÍVICA***

*JOSÉ LUÍS RODRIGUES MAIO*

# **A ESCOLA**

## **I**

### INTRODUÇÃO

O desenvolvimento e o progresso humanos exigem soluções inovadoras e criativas que se lhes adequem e respondam satisfatoriamente aos crescentes e legítimos anseios e aos direitos fundamentais dos cidadãos.

Muito recentemente, foi reproduzida pela imprensa local uma interessante afirmação do senhor presidente da câmara: "*A democracia é manter o povo informado*". Deste modo, e de uma certa forma, o doutor José Macedo Vieira não só fez eco desse imperativo categórico, como também nos fez recuar uma boa meia dúzia de anos, ao recordar-nos uma prática saudável que tentou adoptar no início da sua gestão, mas que, infelizmente, não logrou obter os efeitos pretendidos, dada a quase absoluta letargia dos nossos concidadãos para a institucionalização de uma participação cívica coerente, construtiva e continuada.

O enriquecimento do património colectivo *objectivo e material* resultante de uma fase inicial de construção de infra-estruturas seguida pelo município desde 1994, só verá justificado o seu móbil e compensado o esforço dos seus protagonistas e obreiros (cuja memória ficará indelevelmente gravada a letras de ouro na História do Futuro) se for complementado pelo gradual e correspondente enriquecimento *subjectivo e espiritual* da população que dessas infra-estruturas beneficia, pois a conquista objectiva é somente o primeiro degrau para a elevação da qualidade de vida dos cidadãos, condição *sine qua non* para a realização do Bem Geral (que inclui, obviamente, o individual). Só assim se cumprirá a máxima "*alma sã em corpo sã*". E, admitamos, há nesta vertente, mais profunda e imponderável, todo um longo, arrojado e paciente, mas decisivo, trabalho a fazer.

Dos principais alicerces que sustentam a sociedade e consolidam a sua soberania, auto-estima e idoneidade, destaca-se, a enorme distância de todas as outras, a **EDUCAÇÃO**, verdadeira pedra angular desse edifício que os povos do mundo devem erigir - a FRATERNIDADE UNIVERSAL DAS NAÇÕES.

A presente iniciativa visa precisamente, dentro da atmosfera de tolerância, civismo, competência e rigor que deve caracterizar a abordagem deste tema tão relevante e de capital importância para o nosso futuro colectivo, não só recuperar a ideia inicial do presidente da edilidade – a participação consciente dos cidadãos – e que vinculará, para além da autarquia (elemento propulsor e dinamizador deste projecto), todos aqueles que pretendam contribuir, válida e seriamente, para o surgimento de uma comunidade mais instruída, culta, cooperante, consciente, interventora e pacífica, mas ainda, e sobretudo, encontrar soluções eficazes e satisfatórias para a implantação de uma **ESCOLA NOVA**, mais consonante com as *actuais e futuras características e exigências culturais, sociais e psicológicas da humanidade*. Consequentemente, e a ter o êxito que lhe auguramos, toda a população portuguesa poderá (e deverá) colher os frutos deste trabalho colectivo.

No entanto, para que esta abordagem seja feita de uma forma séria, competente e proveitosa, impõe-se a adopção de uma terminologia rigorosa, clara e precisa e que reúna o consenso das partes interessadas e envolvidas, isto é, dos representantes da *FILOSOFIA*, da *CIÊNCIA* e da *RELIGIÃO*.

Nos últimos séculos, estas disciplinas têm vivido de costas voltadas entre si, pois o grande agente atractivo, o magnetismo unificador, que as manteve inseparáveis durante as épocas douradas da civilização humana foi sendo crescentemente desprezado e rejeitado pelos poderes constituídos. Essa atitude conduziu todos os povos à actual situação de mútua desconfiança, usurpação e demais fobias sobejamente conhecidas. Esta iniciativa pretende, modesta mas determinadamente, contribuir para que seja dado o primeiro passo em sentido contrário, o da reconciliação entre os cidadãos e as sociedades e o do aprimoramento cívico, ético e espiritual do homem.

Assim, a primeira proposta que se faz aos representantes das três grandes áreas de conhecimento referidas é a elaboração de uma definição (a construção de um conceito) para a entidade vulgarmente conhecida por **SER HUMANO**. Para se compreender melhor o que se pretende, apresenta-se a seguir uma sugestão, a título meramente ilustrativo.

Pretende-se, desta forma, congruar e integrar os vários conceitos que vinculam os estudiosos e especialistas daqueles três campos de intervenção humana *numa única definição* que os harmonize e sintetize, de um modo simultaneamente

1. lúcido e libertador, que sirva à Filosofia: a) "...O espírito não é matéria, nem matéria é espírito; o que há é o espírito-matéria. Espírito não é entidade distinta dentro da matéria, do mesmo modo que a vida não é coisa que more num corpo, como um homem mora em sua casa; espírito é o nome abstracto que damos às operações da substância viva quando esta substância pensa, assim como vista é o nome que damos à operação da substância que vê, ou amor é o nome que damos às operações da substância que anseia possuir ou servir... Uma parte mais complexa da substância viva unifica e dirige, através da «acção integrativa do sistema nervoso», o resto do organismo. A mais alta forma de espírito é aparentada, em natureza e continuidade de desenvolvimento, com as mais baixas formas de vida e com a vitalidade elementar do átomo. A própria consciência, embora não a possamos explicar, cai inteligivelmente dentro do plano evolutivo, porque não a derivamos da impotente inércia da matéria dos materialistas e sim da energia que é a vida da matéria". In A Filosofia da Vida, de Will Durant; b) "...As estruturas fundamentais do ser humano...devem-se submeter a uma investigação sistemática e esclarecer no seu valor respectivo e relações recíprocas... Temos a perguntar...se é possível apontar no homem uma natureza inalterável, dada previamente, que o determine no seu ser e lhe imprima carácter. Deve-se investigar que carácter possui essa estrutura geral da essência e, antes de mais, o alcance da sua força determinadora... Um dos domínios mais importantes da investigação antropológica reside na relação da estrutura essencial humana com os graus de ser sub e sobre humanos. Está aqui o homem inserido continuamente numa estrutura cósmica total? Como se distingue o homem dos outros graus de ser?... Haverá...também estruturas fundamentais supratemporais e universais que determinem a vida comunitária? Encontrar-se-á, de certa maneira, a história submetida a tal legalidade essencial?..." Walthor Brüning, Antropologia Filosófica, in A Filosofia no Século XX, de Fritz Heinemann;
2. inteligível e evidente, como convém à Ciência: a) "...O Homem terá, pelo menos como Eu consciente, de se reconhecer, por um lado, como idêntico e, por outro lado, como aquele que se modificou. O que é que nesta transformação é o mutável e o imutável?... Poderemos partilhar da opinião de Häberlin: «A alma da criança é eterna, original, incontrolável.» Poderemos, no entanto, tal como ele, admitir que, na sua «exteriorização», no «carácter comportamental», ela é permanentemente influenciada e modificada... Do ponto de vista psicológico, teremos que manter que cada ser humano é já um indivíduo único... A formação do Eu no Homem processa-

se na confrontação com o mundo, com os homens e com os valores super-individuais e normas ideais que para ele são válidas... O Homem desempenha várias funções até descobrir e atingir a função vital na sociedade que lhe está adequada; o Ser Humano é "...pois um indivíduo empenhado numa ascensão permanente..." Heinrich Roth, O Problema da Receptividade Formativa e Educacional na Investigação Psicológica; b) "...A Psicologia complexa de C. G. Jung procura conjugar o indivíduo, na sua vida instintiva e nos seus esforços (porque as fontes de energia do indivíduo excedem o domínio instintivo), com o seu "eu", ou seja, com a sua verdadeira natureza, e conduzi-lo, deste modo, ao seu centro vital." Ernst Bornemann, A Formação da Personalidade, ambos in Psicologia Pedagógica, de Hildegard Hetzer; e

3. eterno e verdadeiro, tão do agrado da Religião: a) "...Depois Deus disse: «Façamos o ser humano à nossa imagem, à nossa semelhança...»; Deus criou o ser humano à sua imagem, criou-o à imagem de Deus..." Génesis 1, 26, 27; b) "...Eu disse: «Vós sois deuses, todos vós sois filhos do Altíssimo.»" Salmos 82,6; c) "...Jesus respondeu-lhes: «Não está escrito na vossa Lei: 'Eu disse: vós sois deuses'? Se ela chamou deuses àqueles a quem se dirigiu a palavra de Deus..." João 10, 34, 35, in Nova Bíblia dos Capuchinhos.

Perceber-se-á facilmente a pertinência e a necessidade da formulação de uma definição do *ser humano*, o mais verdadeira, clara e libertadora possível. De facto, a ausência de uma metodologia rigorosamente científica na elaboração e definição de um *projecto pedagógico consistente e duradouro* é a prova evidente da nossa incapacidade de investigação humilde, persistente, lúcida e independente no âmbito das diversas vertentes antropológicas para a descoberta de respostas satisfatórias e de aplicação prática. Por outro lado, a *obsolescência* em que se tornou a escola, bem como a inoperância e desajustamento dos seus responsáveis e agentes perante as exigências, necessidades e direitos das novas gerações, face aos constantes e inadmissíveis atropelos de que são vítima, logo a partir da infância, impõem-nos tal definição.

O grande projecto da Ciência é conhecer a Natureza, *estando nesta integrado o Ser Humano*. Resumidamente, podemos dividir o método científico em três etapas: a) ver, ouvir e conjecturar; b) testar; e c) analisar e divulgar.

Para sermos inquestionavelmente rigorosos, teremos, neste intento, que nos cingir à metodologia estritamente científica. As "**referências do conhecimento científico** existem primeiramente como **leis subjectivas**. Aos homens cumpre teorizá-las, convencionando sistemas e fórmulas que as expliquem e traduzam no mundo objectivo, bem como fazê-las corresponder e adequá-las em técnicas de funcionalidade que sirvam os múltiplos propósitos práticos de progresso e conforto humanos".

Em alternativa àquele em que têm assentado os frágeis alicerces milenares da nossa vida em sociedade, o novo axioma ou paradigma terá que ser forçosamente o que é rejeitado pelos principais agentes e forças responsáveis pelo estado calamitoso e vergonhoso a que a Humanidade chegou.

De acordo com o modelo tradicional, o *Homem* não tem sido considerado pelo poder instituído e pela ciência materialista mais do que um elemento que integra o terceiro reino da Natureza - o Reino Animal -, dotado de natureza física fundamental e instintos (que formam o seu subconsciente) idênticos aos dos animais, cujas *espécies superiores* (em particular os que estão muito próximos da convivência humana) apenas esboçam pensamentos rudimentares, mas não possuem um *corpo mental organizado*, estando pois impedidos de pensar do mesmo modo que o ser humano. Este, além de ser *superiormente* dotado de inteligência/pensamentos/ideias e sentimentos/desejos/emoções, possui *individualidade* própria (que lhe permite uma clara distinção, não só exterior ou física, mas também psíquica e anímica, em relação aos seus semelhantes) e é *auto-consciente*, pois é dotado de um *Princípio Mental activado* (embora muito pouco, nas primeiras etapas), que lhe possibilita uma *ligação individualizada* entre o Espírito (pura unidade) e as formas materiais (a personalidade) e, em consequência, ter uma *Alma individual* fruto dessa ligação *Espírito-personalidade*.

Tem sido dada demasiada ênfase aos aspectos inferiores do Homem. Na prática, isso tem levado toda e qualquer autoridade sectária, seja qual for o seu âmbito e legitimidade, a, por um lado, limitar-se primeiro a *instigar* e depois a *reprimir* a sua animalidade, baixeza e primitivismo e, por outro, a *recusar-lhe* todas as *oportunidades* de manifestar as potencialidades superiores e a dignidade (expressões da *sua alma espiritu*), através das mais diversas iniquidades, de que ressaltam a *apologia à consciência de rebanho* e a *ausência de espírito cívico, criativo, cooperante e ético*.

Retomemos o essencial. Enquanto *lei subjectiva* a trazer à consideração e discussão, de modo a tornar-se uma *referência do conhecimento científico*, o novo grande paradigma que se propõe é o seguinte:

***O Homem é um Eu Divino, uma Centelha ou Mónada da (na) Divindade Universal, um Ser Espiritual que, para realizar certas experiências e desdobrar os modos de expressão da Consciência Divina que tem latente, está envolto em formas materiais.***

Concluído que esteja o trabalho pluridisciplinar de elaboração de uma definição do *Homem* pelos representantes da Ciência, da Religião e da Filosofia, passar-se-á então à sua aplicação no terreno (na comunidade escolar).

## II

### PROPOSTAS DE PROCEDIMENTOS

Em face dos inúmeros testemunhos, investigações e resultados no âmbito da psicologia pedagógica, é hoje consensual, nos meios científicos competentes, a urgente necessidade de se *educar com amor*, imperativo que está fundamentado na própria natureza humana.

De facto, para que o *desenvolvimento* e a *integração* dos diversos estados (ou corpos) do homem, físico, emocional, mental, etc., se processem de forma progressiva, equilibrada, harmoniosa e *hierarquizada*, deve-se atender, logo a partir do nascimento, às suas necessidades básicas: as físicas e as emocionais (afecto, sensibilidade, segurança, amor) em primeiro lugar e, *só depois*, as mentais. E o problema surge logo aqui. Este processo, que se destina ao encontro, unificação e fusão das duas naturezas (*espiritual* e *personalística*) inerentes a todo o indivíduo, é sistematicamente violado, porque não é respeitada a *sequência* de prioridades na manifestação dos princípios que constituem o *ser humano global*. Exige-se, exagerada e prematuramente, respostas ao nível da mente; e o fortíssimo apelo ao *intelecto* (constituente do nosso Princípio - ou veículo - Mental) imposto à criança, sem, *antes*, ter sido fortalecida (nem muitas vezes, sequer, estimulada) a *estrutura emocional que lhe subjaz*, é uma verdadeira espada de Demócles que pende (e quantas, demasiadas, vezes cai!) sobre

a cabeça de um potencial ser humano *fisicamente saudável, emocionalmente sereno, mentalmente lúcido*.

Devemos partir sempre dos seguintes axiomas:

1. "educar" significa "ajudar a desabrochar todas as potencialidades, vocações e tendências latentes na criança e que nela se encontram à espera de uma oportunidade para se manifestar" e consiste em "uma pessoa (o professor) oferecer-se como modelo", enquanto "ser educado" consiste em "uma pessoa (o estudante) crescer e evoluir de maneira a constituir-se a si própria como modelo";  
e
2. "instruir" quer dizer "transmitir as regras, normas, leis, valores e princípios cívicos e éticos de aplicação prática na sociedade, ou, dito num só conceito, *sociabilizar*".

Do que antecede, facilmente se concluirá pela necessidade de estreitamento dos laços e inter-relações entre a família e a escola. A criança aprende mais com a família antes da idade escolar do que com tudo aquilo que a escola lhe pode ministrar. Com afecto, com emoção e com amor - ou seja, na *vertente emocional* -, aprende a falar, aquisição fundamental e instrumento do pensar. Antes disso tinha já aprendido a sorrir, a gesticular, a tomar atitudes e a controlar certas necessidades biológicas essenciais. A leitura e a escrita são de um valor quase insignificante comparadas com o conjunto das formas de linguagem que a família pode comunicar ao filho: a expressão corporal, o jogo dos sentidos, a palavra e o ritmo verbal; a música, a pintura e o desenho. A escola devia dar continuidade ao método paternal que ensina com amor, que nutre o *espírito* da criança mais do que todos os manuais. Assim, é preciso que na escola se brinque, cante, jogue, desenhe, pinte e fale em liberdade, antes que se dê satisfação aos pais e educadores apressados e obcecados com a ideia do exame.

Contudo, previamente a tudo isso ou, nessa impossibilidade, em paralelo, deverão as autoridades responsáveis, nelas se incluindo e empenhando os próprios municípios:

- a) traçar um *perfil do docente que eduque com amor*, requisito principal (se não exclusivo) de admissão ao exercício da profissão, em substituição do que vigora actualmente, que recorre exclusivamente às capacidades cognitivas, aos *currícula* e outras qualificações de natureza objectiva, os quais, se levados ao extremo, descambam quase invariavelmente em frieza intelectual, calculismo, complexo de superioridade, distanciamento, etc.;

- b) privilegiar a colocação dos *professores mais competentes, experientes e habilitados nas classes de iniciação*, apoiando-os mutuamente para troca de experiências, directamente ou através de centros de pedagogia experimental;
- c) conceber e projectar - para imediata construção, restauração, adaptação ou alteração - escolas modernas, logo a partir do 1.º ciclo, dotadas de infra-estruturas e equipamentos que respondam a todo o tipo de solicitações, vocações ou tendências das crianças, por forma a, progressiva mas seguramente, se ir reduzindo o "*massacre dos inocentes*"; e
- d) incentivar e apoiar profissionais com *projectos pedagógicos colectivos, avançados e inovadores*, através do fomento de *grupos de trabalho plurianuais* rigorosamente definidos em limites espacio-temporais; reforçar a sua autoridade perante todo o tipo de obstáculos e pressões, nomeadamente de outros agentes educativos e dos próprios progenitores, que trocam a felicidade dos filhos pelas "ilusões da competitividade, da fama, da superioridade sobre os outros".

Se pensarmos com alguma lucidez, ou estivermos atentos ao quotidiano, prenhe de inúmeros exemplos desastrosos concretos - como o aumento da criminalidade e de todos os tipos de toxicoddependência - concluiremos que o verdadeiro "insucesso" vem exactamente de quem define sucesso escolar, os órgãos institucionais (Ministério da Educação) que impõem o(s) programa(s), definem um projecto de vida para a criança, quer ela esteja ou não de acordo, quer se adapte ou não a ele.

O primeiro factor de insucesso escolar é a submissão das crianças ao lamentável critério do sucesso material e social, tornando-as tristes e deprimidas, quando não conseguem aprender ao mesmo ritmo do das outras. O ensino actual é hostil e distante, exclui e marginaliza as que têm dificuldades de aprendizagem; alarga o fosso dos que vivem em ambientes sem hábitos da leitura, em que o diálogo não é possível por insuficiência sócio-económica, ou por perturbação emocional ou mental dos componentes da família; não permite, a não ser através da violência ou da apatia, a expressão do que lhes vai no íntimo.

### III

#### CONCLUSÃO

O avanço da Humanidade em direcção à FRATERNIDADE UNIVERSAL DAS NAÇÕES tem-se processado, desde há muitos milénios, através de muito sofrimento, de muito "*sangue*,

*suor e lágrimas", em que o homem "devora" impiedosa, desnecessária e insanamente o próprio homem, em que tantos anseios nobres, belos e altruístas têm sido constante e crescentemente atropelados, desprezados e crucificados pela ambição destemperada e pela loucura desmedida e cruel de um número cada vez menor de semelhantes nossos, num mundo em que destroem e/ou sobejam cada vez mais meios de subsistência suficientes para todos. Tudo isto acontece porque o Homem desconhece o Homem e continua de costas viradas para a velha e sábia inscrição délfica "**Homem, conhece-te a ti mesmo**".*

O "novor" - que, de tão velho, acabou por jazer esquecido no mais íntimo e profundo do nosso ser autêntico - paradigma humano, que aqui se propõe, já gerou no mundo "**momentuns**" de elevada realização individual e colectiva, de alegria apaziguadora, de bem-aventurança indelével.

Saibamos trabalhá-lo com a energia e o discernimento do nosso querer colectivo e, partindo de uma das estruturas mais consistentes, dignas e libertadoras - a **ESCOLA** -, adaptá-lo às mais variadas circunstâncias da Vida, testar o seu poder ilimitado em prol do Bem Comum.

Saibamos ser dignos desta grande oportunidade.